

# Há um porto a cada noite de abril

Mary Castilho

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

## À tarde

É bem à tarde  
que minhas mãos coçam  
como se serenas divindades  
com suas chaves secretas  
do fundo do tempo  
marcassem suas chegadas  
me confundindo  
e me fazendo acreditar  
que há um porto  
a cada noite de abril  
e que é preciso partilhar  
o único pedaço do meu pão.

# Fomos

*Aos Borges*

Nada mais soube daquele quintal  
esverdeado pelas folhas da parreira velha  
amarrada no tronco seco.

Nem das brasas do fogão a lenha  
que contava histórias:

“toco, toco, num dô”  
enquanto o queijo feito pelo avô  
derretia naquele calor vermelho.

Nada mais sei daquele quarto  
com santos e velas acesas  
todos os dias  
nem das moças com seus desejos  
de amor pelos homens.

Cartas, recados chegavam,  
tudo fazia choro naqueles olhos  
tristes de espera.

No travesseiro, o cheiro das macelas  
vindas do campo recheava a fronha  
com flores e iniciais bordadas à mão  
pelas mulheres da casa.

Era em latas enormes que se escondiam  
biscoitos, quitandas de família mineira,  
sobre a mesa tosca entoalhada.

Filtram-se as lembranças daqueles dias  
mais longos que os de agora  
gravadas nas paredes da memória desolada  
a me devolverem o alvoroço de ter sido.

## Não me negues

Não me negues a fruta do reino  
doce  
redonda  
com grãos de ouro  
no seu ventre fecundo.

Não me negues a faca  
que há de partir  
em metades iguais  
que nos deliciarão  
como merecem  
dois viventes salvos  
desta tragédia  
que castigará os ímpios.

Não me negues o sumo  
da fruta colhida  
na tarde silente  
que me afasta dos homens  
enclausurados  
com medo  
dos sortilégios ciganos  
sem agonia  
por merecer-te.

## Cheiros

Minha casa exala perfumes  
que saem da cozinha e penetram  
no íntimo dos que acessam pela porta de entrada.

É o manjeriço fresco da horta,  
ou o louro seco reservado no pote azulado,  
ou ainda um punhado de alecrim alegre.

Outras vezes, é o anis perfumado  
ou o cravo da índia mergulhado no doce de abóbora  
que será servido com o queijo branco  
trazido da fazenda de minhas lembranças.

Assim, vou cozinhando meus dias  
no ímpeto de ficar marcada nas bocas  
e engolida goela abaixo, sem terem pena de mim,  
sem nostalgias ou furor.

Cozinho tudo em fogo baixo,  
len  
ta  
men  
te,  
rezo, benzo, lembro.

Cozinho e perfume tudo, passado, presente, futuro,  
catando pensamentos no feijão.

## Do nosso ventre

Assim eu queria minha casa,  
com seu ventre aberto  
a projetar e a reproduzir o luar  
com sua ilusão do tempo  
em finitude.

Um ventre aberto  
para que não me prendessem  
essas paredes amareladas  
como o meu medo  
de ser tumultada.

Projeto minha casa aberta  
no seu ventre e no meu.  
Preciso sair deste útero carcomido.

## Mel no pote

Como se não houvesse mais nada,  
nada, nada para adoçar os dias  
o pote de mel se oferece  
e me conta que veio de oráculos  
em forma de casulo das batalhas  
das abelhas em busca da flor.

Com a faca, tomo do pote  
a porção que é minha  
nesta hora em que a aurora da tarde  
me espinha a boca que adoço melada  
com o pão que amassei.

Amasso, torço a massa.  
Asso, torro no forno aceso  
e adoço depois  
como faço com a vida  
como se não houvesse mais nada.  
Nada.

---

### *Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em maio de 2023.

---